

ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE EM A OBSCENA SENHORA D. DE HILDA HILST

Cleia da Rocha SUMIYA¹
Universidade Estadual de Londrina
cleia.hotel@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar alguns aspectos da religiosidade em *A obscena senhora D.*, de Hilda Hilst. Cremos ser possível apontar que nesta obra a personagem principal Hillé, efetiva uma passagem do universo cristão - visto como um exemplo das religiões tradicionais- para o universo gnóstico. Não nos deteremos na caracterização de nenhuma destas manifestações religiosas, pois nosso intento é verificar como a visão de Deus apresentada pela personagem muda no decorrer desta obra. Deste modo, o que tentamos estabelecer é uma aproximação geral com o universo destas manifestações, tendo em vista o fenômeno literário resultante. Ao pensar os aspectos da religiosidade focaremos os apontamentos de Kierkegaard; Bataille; Paz; entre outros e tentaremos estabelecer a possível semelhança entre esta obra de Hilst e a obra *O Castelo* de Franz Kafka.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade; Hilda Hilst; Franz Kafka.

1 INTRODUÇÃO

Uma das constantes temáticas da obra hilstiana é a relação dos personagens com Deus. Em livros como, *Fluxo-floema*, *Kadosh*, *Amavisse*, *Estar sendo ter sido*, entre outros, a procura por Deus está delineada por meio do confronto, da imprecisão e da blasfêmia, e é sempre permeada por um processo racional. Nestes livros, e em outros que se seguem, a figura de Deus, está associada a figura do porco, animal que simboliza o impuro, retirando o divino da aura do sagrado, para jogá-lo na imundície do mundo material.

Em *A obscena senhora D.* temos mais uma vez a aparição de uma personagem atormentada pela busca do divino. Hillé, a obscena senhora D., peregrina em direção a esta força que representa o fim de seus questionamentos espirituais e metafísicos, sem contudo, chegar de fato a contemplá-la. O Deus que se apresenta para ela nega sua raiz de benevolência cristã, é um Deus mudo, falho, semelhante aos homens e não um ideal de perfeição.

Hillé quer crer, mas, seu procedimento não é o da fé, do sacrifício do intelecto, como propunha o pensador Kierkegaard é, antes, o do racionalismo, o mesmo que amparou as religiões dominantes, e que após o iluminismo “tornou o remédio em veneno”. Assim, como o Agrimensor K. de Franz Kafka, Hillé sabe não mais ser possível conciliar o racional e a bondade divina, tendo que optar não sacrifica seu intelecto, mas, sim a visão de um Deus bondoso.

¹ A autora é aluna do programa de mestrado em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e bolsista do CNPQ.

Desta forma, o Deus vislumbrado pela personagem é um ser profano, sujo, ao qual, a personagem cobre com infundáveis blasfêmias. Seu afastamento de um estereótipo de Deus, no entanto, não representa o afastamento da necessidade de encontrar Deus, qualquer Deus. Assim a busca absurda da personagem a encerra sobre “o vão da escada”, símbolo do universo entre o sagrado e o profano. Se este Deus almejado por Hillé, diante do pensamento lógico e racional se mostra mudo, a personagem decide então confrontá-lo e obter respostas por meio do riso, da zombaria e da pilhéria. Deste modo, semelhantemente à visão batailleana, o Deus profano consentido por Hillé apresenta as características de um Deus primitivo e pagão, por que está altamente humanizado e ainda não foi contaminado com o ideal da transcendência racional.

A obra de Hilda Hilst centra-se numa série de contendas metafísicas e espirituais. Sua ficção, em especial, busca as respostas para as perguntas mais recorrentes da humanidade: o que é a morte? O que é o tempo? O que é Deus? Embora, a profusão de intertextos; e seu modo de escrita caleidoscópica deem a impressão de uma alogicidade, suas inquições são no fundo presas ao pensamento lógico e racional, e em decorrência disso, normalmente se finalizam na derrocada dos dogmas tradicionais cristãos. Isso ocorre por que, embora, haja em todas as religiões institucionalizadas, um princípio racional, conforme já apontaram pensadores como Nietzsche, Heidegger e Bataille, a crença religiosa se pauta pela fé e muitas vezes torna excludentes as antinomias Deus-razão.

2 A SENHORA D. A PROCURA DE DEUS

No início da narrativa de *A obscena Senhora D.*, vemos delineada a procura racional da personagem para seus questionamentos metafísicos e também as referências ao universo do sagrado e do profano, que permeará toda sua narrativa:

VI-ME AFASTADA DO CENTRO de alguma coisa que não sei dar o nome, nem por isso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por Ehud A Senhora D, eu Nada, Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. Derrelição - Ehud me dizia, Derrelição pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me pergunta a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição. Ouviu? (HILST, 2001, p.17).

A personagem Hillé, que se descreve acima, se encontra em dissolução com o mundo. De um modo geral, ela fala da permanente procura por um sentido que explique “o mistério da contradição entre o ser e o devir” (NIETZSCHE, 1996, p. 26). Ela busca uma verdade superior que explique seu lugar de sujeito no mundo, mas, ao mesmo tempo se nega a aceitar a resposta dada pelo senso comum e religioso. O resultado é uma indeterminação, uma sensação de aniquilamento do eu. Isso explica por que a personagem perde sua identidade e nega a si, enquanto sujeito nomeado no mundo “eu nada, nome de ninguém”. O termo “Derrelição”, que por indicação de Ehud (marido de Hillé) é incorporado à nomeação da personagem, reforça a ideia de perda de si, enquanto objeto corporificado.

O estranhamento da personagem com relação ao mundo decorre da recusa de se apegar a uma “verdade” religiosa dada pela tradição. A resistência à “sacristia”, palavra que se relaciona ao universo cristão, aliada ao termo “teófaga incestuosa” demonstram que Hillé tomou consciência da frustração que a ascese cristã representa. Para a personagem a dita verdade superior, nada mais é que um impulso instintivo de autopreservação. Isto pode ser

observado por meio da associação que ela faz entre o universo religioso e o ato de comer, “teofagia” e também com relação à figura paternal, vista não mais como a forma de um amor puro, mas, sim como uma manifestação “incestuosa”. Parece-nos que Hilda Hilst por meio das palavras ditas por Hillé, quer representar a passagem do etéreo ao puramente humano e carnal.

No decorrer da narração da personagem podemos notar que sua busca por Deus inicialmente parte de crenças cristãs, podemos notar isso, pelas inferências que ela faz às práticas comuns aos adeptos do Cristianismo: “engolia o corpo de Deus a cada mês, não como quem engole ervilhas ou roscas ou sabre, engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o incomensurável, por não acreditar na finitude me perdia no absoluto finito” (HILST, 2001, p.19). Este procedimento de fé, no entanto, não está livre de uma crítica racional: Embora queira crer, ao participar da comunhão espiritual do corpo de Cristo, Hillé vacila em sua fé, pois, quer compreender por meio da lógica as instâncias da fé a que se submete:

engolia o corpo de Deus, devo continuar engolia porque acreditava, mas nem por isso compreendia, olhava o porco-mundo e pensava: Aquele nada tem a ver com isso, Este aqui dentro nada tem a ver com isso, Este, O Luminoso, O vivido, O Nome, engolia fundo, salivosa lambendo e pedia: que eu possa compreender só isso. (HILST, 2001, p.21).

O que vemos em *A obscena senhora D.* é uma constante luta entre o universo da fé e da razão. Por exemplo, ao receber um padre em sua casa, a personagem questiona “de onde vem o mal senhor? *Misterium iniquitatis*, Senhora D. há milênios lutamos com a resposta, coexistem bons e maus, o corpo do Mal é separado do divino. Quem criou o corpo do Mal? Senhora D. o corpo do mal não foi criado, fez-se. (HILST, 2001, p.31). A questão que atormenta a personagem é clássica na teodicéia: a consistência do bem e do mal, sob a face de Deus.

Hillé recorre ao pensamento lógico para resolver esta questão, por meio de um silogismo chega à seguinte conclusão: Deus criou o mundo, o mundo é mal, logo Deus é mal. A base de formação deste silogismo está contido em afirmações bíblicas, tais como, que tudo deriva de Deus, pois ele é “o alfa e Omega, o princípio e o fim”, ainda repercutidas pelo o censo comum “nenhuma folha cai sem que Deus queira”. Entender a relação de Deus e do mal, passa pela correspondência entre criador e obra. Hillé se questiona como um Deus bom pode aceitar o mal nas coisas em que cria, a resposta se apresenta na forma de uma encruzilhada entre a fé e a lógica. Deste modo, se colocam duas alternativas para a personagem uma proveniente da fé, trata-se do “*misterium iniquitatis*, outra reflete a lógica silogística de Epicuro: “Ou Deus quer abolir o mal, e não pode; ou ele pode, mas não quer; ou ele não pode e não quer. Se ele quer, mas não pode, ele é impotente. Se ele pode, e não quer, ele é cruel. Mas se Deus tanto pode quanto quer abolir o mal, como pode haver maldade no mundo?”. Assim no decorrer da narrativa, vemos que a personagem aceita uma das possibilidades apresentadas por Epicuro: se existe o mal no mundo é por que Deus quer, e, um Deus que não combate um mal é um Deus mal.

A lógica de Hillé contrapõe os dogmas cristãos, pois embora o pensamento cristão superficialmente se pautar por um raciocínio lógico, sua base de interpretação é a fé, e não a lógica dedutiva que a autora aplica ao mundo. A fé em Deus para a maioria das religiões pressupõe um sacrifício do intelecto, pois Deus não representa uma resposta lógica, mais um fim que se deseja e em nome do qual se esquece as incongruências dos questionamentos metafísicos. O Cristianismo ao incorporar argumentos racionais, tenta provar que a associação

entre fé e racionalidade são possível. No entanto, quando aprofundadas estas questões o resultado são silogismos como o de Epicuro, acima citado.

Conforme salientou Sören Kierkegaard - filósofo dinamarquês, de quem Hilda Hilst se declarava grande leitora- a busca por Deus deve antes passar pelo abandono racional. Em sua obra *Temor e tremor*, por meio da figura bíblica de Abraão, fé e a razão são confrontadas, vencendo a primeira. Abraão a pedido de Deus tem que sacrificar Isaac, negando seus valores éticos, se submete aos valores religiosos. Ele confronta sua lógica ética do amor paterno, em benefício da fé, manifesta pelo absurdo da exigência divina.

Este filósofo prega que a fé é um exercício da “subjetividade” humana, pois, o homem que depois de ter percebido toda a arbitrariedade do mundo, toda a negação da racionalidade sobre o qual ele está fixado, consegue ainda crer em Deus, e enxergar nele o aspecto de um positivismo, se manifesta de forma única, está em posição superior ao “geral” na medida em que contra a lógica do mundo reafirma sua fé em Deus. Para este Pensador, ir ao encontro de Deus é uma tarefa dolorosa, pois pressupõe negar-se enquanto ser racional e subjetivar-se.

Para Kierkegaard, crer em Deus é “saltar no abismo”. A existência de Deus não prescinde de uma prova: “que ciúme industrioso, que perda de tempo, que cuidados, quantos materiais de escrita dados aos esforços atuais para atingir uma prova, sem falhas da existência de Deus! Contudo, à proporção que cresce a excelsitude da prova, parece decrescer a certeza.” (KIERKEGAARD, 2008, p.142).

Segundo Kierkegaard, a fé em Deus não depende de provar sua existência, ao contrário se todas as provas direcionam para que se negue Deus, e ainda assim um homem acredita em Deus, ele atingiu um estado de fé. Este procedimento que observa Kierkegaard resume a ideia da fé postulado pelo cristianismo como “firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se vê” (BIBLIA SAGRADA, 2009, p. 990)

Hillé, no entanto, difere do Abraão apresentado por de Kierkegaard em *Temor e tremor*, pois se recusa ao salto no abismo da fé. Deste modo, a busca de Hillé por Deus é dado sempre em contraponto à visão que ela tem do mundo. Assim, a ideia de separação de Deus e do mal, enfatizado pelo cristianismo confronta a lógica racional da personagem, que se questiona como um criador pode ser tão diferente de suas criaturas, sendo um ser ausente que “nunca faz parte do lixo que criou”. Esta visão dualista e demiurga de Deus aproximam a personagem de uma visão gnóstica definida por Claudio Willer, como “doutrina sincrética e heterodoxa. Sua origem está num e herético e exacerbado misticismo judaico, que além de sofrer o impacto do helenismo assimilou mitos e temas iranianos, egípcios, e talvez caldaicos.” (2007, p.370). Hillé, se questiona como pode um Deus amoroso, ser ao mesmo tempo um Deus tirano:

[...] porque todas as perdas estão na Terra e o Outro está a salvo, nas lonjuras, em céu, a salvo de todas as perdas e tiranias, e como é essa coisa de nos deixar a nós dentro da miséria? Que amor é esse que empurra a cabeça do outro na privada e deixa a salvo pela eternidade sua própria cabeça? E o que Ele fez com Jô te lembra?” (HILST, 2001, p.75)

Pensando a questão de Deus na obra de Hilda Hilst, Purceno afirma que o Deus buscado por Hillé é falta “incomunicável”, para a crítica ele representa “o velho clichê do criador aleijado que abandonou a criatura – justificando, quase naturalizando as contradições humanas, nas alucinações que aproximam o crucificado, a porca e a criança grotesca [...]”. (PURCENO apud PÉCORA, 2010). Isso explica por que a imagem sacra de Deus, tomada inicialmente da mitologia cristã, vai aos poucos sendo substituída por uma figura humanizada, ao qual a personagem recorre não mais por meio de um clamor respeitoso, mas, por uma série

de nomes que ridicularizam e blasfemam: Deus é o menino-porco, O Nojo, o pai ausente, que se diverte com a miséria de suas criaturas:

Desamparo, Abandono, assim é que nos deixastes. Porco-menino, menino porco algures e acolá lá longe no alto aliors, no fundo cavucando, inventando sofisticadas maquinarias de carne, gozando o teu lazer: que o homem tenha um cérebro sim, mas que nunca alcance, que sinta amor sim mas nunca fique pleno, que intua sim meu existir mas que jamais conheça a raiz do meu mais ínfimo gesto, que sinta paroxismo de ódio e de pavor a tal ponto que se consuma e assim me liberte, que aos poucos deseje nunca mais procriar e coma o cu do outro, que rasteje faminto de todos os sentidos, que apodreça, homem, que apodreças, e decomposto, corpo vivo de vermes, depois urna de cinzas, que teus pares te esqueçam, e focinhe a eternidade á procura de uma melhor idéia, de uma nova desengonçada geometria, mais êxtase para minha plenitude de matéria ... (HILST, 2001, p.36)

O apelo blasfematório que os personagens hilstianos aplicam à figura de Deus, parte do significante, mas, objetivam o significado, Segundo Eliane Robert Moraes (1999) o uso de “uma infinidade de nomes” para se referir a Deus, levam a uma fragmentação da própria ideia de Deus, na medida em que, a subversão da “palavra incide irremediavelmente sobre a ideia”. O resultado dessa nominalização blasfematória, ainda segundo Moraes e que:

rebaixado ao nível dos atos mais abjetos, o Deus-porco de Hilda Hilst já não é mais a medida inatingível que repousava no horizonte da humanidade. O confronto entre o alto e o baixo, além de subverter a hierarquia entre os dois planos, tem, portanto, como consequência ultima, a destituição da figura divina como modelo ideal de homem. (MORAES, 1999, p.119)

Este confronto a que Eliane Robert Moraes se refere, origina um processo de ruptura da figura de Deus. A ideia cristã do pai amoroso e perfeito, é constantemente combatida por meio do reforço da situação de abandono ao qual este pai deixa seus filhos. A conclusão que a personagem chega é que só é possível encontrar Deus por meio da humanização do divino, tornando-o imperfeito, para isso Hillé reforça a origem deste Deus, que é feito da mesma matéria imperfeita de que são feitas todas as coisas no mundo. Em determinado momento a personagem questiona: “senhor tu tens igual a nós o fétido buraco? Encondido atrás, todo espremido, humilde mas demolidor de vaidades, impossível o homem se pensar espirro do divino tendo esse luxo atrás[...]” (HILST, 2001, p. 45)

O Deus de Hillé, no decorrer de sua narração e busca, passa de um Deus perfeito, mas, ausente e distante para um ser humanizado, que se aproxima do homem, no entanto perde seu caráter de perfeição. Diante da recusa do encontro por meio da fé, a personagem encontra o objeto de sua busca por meio de sua própria experiência lógica- existencial, resolvendo em parte a antinomia Deus X mundo. No fundo sua conciliação religiosa passa pela exteriorização de Deus, a partir de seus anseios pessoais, prática comum nas relações religiosas, conforme infantiza Bataille:

O que, no fundo, priva o homem de toda possibilidade de falar de Deus é que, no pensamento humano, Deus torna-se necessariamente conforme ao homem, na medida em que o homem é cansado, faminto de sono e de paz. [...] Deus não encontra repouso em nada e não se sacia com nada. Cada

existência está ameaçada, já está no nada da Sua insaciabilidade. E assim como Ele não pode se acalmar, Deus não pode saber (o saber é repouso). [...] Ele só conhece o seu nada, e por isto Ele é, profundamente, ateu: Ele cessaria tão logo de ser deus (só haveria, no lugar da Sua horrível ausência, uma presença imbecil, abobalhada, se Ele se visse como tal). (BATAILLE, 1992, p.34)

A citação de Bataille explica por que ao Deus de Hillé é negada toda a esfera de onipotência e onisciência e várias vezes a divindade é representada como uma criança, carente de proteção, e não um pai soberano, como no diálogo que a personagem estabelece com Deus: “Não fizemos um acordo? O Quê? Não és Pai? Nem sei de mim, como posso ser extensão num Outro? Não houve um contrato? Que estás louca. Vivo num vazio escuro brinco com ossos, estou sujo sonolento num deserto há o nada e o escuro.[..]” (HILST, 2001, p.40). Este Deus como criação humana que é, só pode ter sentimentos humanos e definidos segundo a experiência interior da personagem.

Hillé aparentemente se dá conta do universo limítrofe que impera sobre a existência humana e a existência divina, sobre a origem do divino e do profano, assim se resolve não pela clássica separação das duas esferas, mas pela união entre as duas, isto, em certa medida, explica sua escolha pelo “vão da escada”, visto como um símbolo do mundo intermediário entre o sagrado e o profano, o humano e o divino. Este Deus humanizado e defeituoso, não é uma novidade desta obra de Hilst, ele está sempre presente em sua obra geral, e segundo Claudio Willer é o reflexo da visão gnóstica que perpassa a obra hilstiana, para ele o Deus apresentado por Hilda Hilst:

É um Deus gnóstico. Os adeptos do gnosticismo não apenas atribuíram a criação e regência do mundo a um Demiurgo, “pequeno deus”, de segunda ordem – nisso acompanhando Platão – mas descreveram esse cosmocrator, regente do mundo – chamado de Ialdabaoth, Samael ou Saclas – como cego, orgulhoso, arrogante, prepotente e obtuso. (WILLER, 2010)

Esta referência demiurga, chamada de blasfêmia, entre os cristãos, em *A obscena senhora D.*, é efetivada para além dos tratamentos escatológicos e ignominiosos da figura de Deus, também por meio da associação do divino e do erótico. Frequentemente são apresentados no interior do discurso das personagens a relação entre o ato sexual propriamente dito e a devoção a Deus: “não geme assim, não é para mim esse gemido, eu sei, é pra esse menino porco-menino que tu gemes, pro invisível, pra luz pro nojo, fornicas com aquele Outro, não fodes comigo, maldita, tu não fodes comigo.” (HILST, 2001, p.63). Algumas vezes esta relação é sublimada, outras apresenta um caráter intencionalmente ofensivo “e o Joça enfiou o dedo no cu da criança do Zitinho dizendo que lá era a boca de Deus.” (HILST, 2001, p.64)

Esta conjunção do discurso erótico-religioso, muito comum entre praticantes das religiões primitivas e até mesmo visto nos livros do velho testamento, foi combatida com o avanço do Cristianismo, onde as coisas do espírito passam a ser vistas como superiores as do corpo. A esse respeito Octávio Paz enfatiza:

Muitos textos religiosos, entre eles alguns grandes poemas, não vacilam em comparar o prazer sexual com o deleite extático do místico e com a beatitude da união com a divindade. Em nossa tradição é menos freqüente que na

oriental a fusão entre o sexual e o espiritual. Apesar disso, o Antigo Testamento é pródigo em histórias eróticas, muitas delas trágicas e incestuosas [...] (PAZ, 2001, p. 23)

Esta caracterização do divino, mais uma vez, aproximam a visão hilstiana dos preceitos das religiões primitivas tribais, e das seitas orientais, tais como gnosticismo, conforme já enfatizamos, anteriormente, segundo Paz (2001, p. 20) para estas religiões “a carne e o sexo são caminhos em direção à divindade”. Em *A obscena Senhora D.* este encontro com o divino, passa pelo sexo, e é ele que substitui o discurso puritano religioso, conforme enfatiza o marido de Hillé, “Esse muito jovem há de sorrir diante do seu discurso, te Poe de imediato as mão na teta e diz teu Deus sou eu... e delicado mas firme te faz abrir as pernas e repete. Sei teu Deus sou eu.”. (HILST, 2001, p.66). Ao relacionar sexo e divindade, Hillé realiza uma transgressão, ato profano, comum nas religiões pagãs. Segundo Bataille, (2004, p.91) “Somente a transgressão, a despeito de um caráter perigoso, possuía um poder de abrir um acesso em direção ao mundo sagrado.”

Assim embora, pareça que a personagem de “*A obscena senhora D.* empreenda um afastamento da figura de Deus, por meio do profano, o que ela busca é encontrar um Deus mais lógico com a sua condição. Ela abdica da figura do Deus cristão para buscar um Deus mais humano. Para ela a melhor forma de encontrar Deus é inicialmente negando-o. Sem dúvida é o afastamento do divino e perfeito, e o retorno ao humano e imperfeito que garante a pacificação de seu espírito. Assim em certa medida a personagem Hillé se assemelha ao agrimensor K. da obra *O Castelo*, de Franz Kafka, neste romance a busca incessante pelo Senhor do castelo (entendido aqui por nós como uma metáfora de Deus), a tentativa de tentar agradá-lo e ser recebido no castelo, resulta em um fracasso e posteriormente numa revolta.

Como a personagem hilstiana, o agrimensor K., procura incessantemente pela razão das coisas, tenta inúmeras vezes chegar até Klamm, Mas sua busca é semelhante a de Moisés, não sendo possível contemplar a face de seu Senhor.

É certo que Klamm não falará jamais com alguém quem não queira, por mais que este alguém se empenhe e por intolerável que seja sua insistência; mas que este fato somente de que Klamm jamais falará com ele, de que jamais o deixará sequer aparecer diante dele, já basta plenamente. Por que não haveria de suportar a vista de quem quer que fosse? Pelos menos isso não se pode demonstrar, já que nunca se porá a prova. (KAFKA, 1971, p. 92)

O Agrimensor K. inicialmente tenta entender as vontades deste Senhor e apresenta a esperança de receber a sua atenção. Mas esta devoção aos poucos vai dando lugar a uma revolta e um desprezo, que o fazem abandonar a conduta imposta pelo Castelo e chocar os habitantes da vilã.

O clássico paradoxo da teodicéia acerca de Deus e do mal, apresentado na obra de Hilda Hilst, está também delineado na obra *O Castelo*, de Kafka, segundo Günther Anders (1969), o questionamento se coloca da seguinte forma: como um Deus bom permite o mal? Um ateu justificaria dizendo que isso prova a inexistência de Deus, Kafka seguindo o pressuposto das religiões agnósticas encontra uma conciliação, “Admitindo-se a existência do mal- como temos de imaginar os poderes que criaram, administram ou simplesmente desfrutam o mal?” (ANDERS, 1969, p.92). A resposta segundo Anders (1969, p.92) é que “temos que imaginá-los como poderes maus. Como um Deus mau.”

Esta desmistificação da bondade divina pode ser visto em *O Castelo*, na mudança da moral do agrimensor K. Este sabe que “tudo vem do Castelo”, logo, o bem e mal são duas forças que habitam o mesmo local, e não é preciso ter uma superioridade moral para agradar os habitantes do Castelo. Esses são seres que corrompem, enganam, e exercem sua força por meio da coerção. Assim não deve haver para com eles nenhuma prostração e renúncia. E nesse sentido que, K. no decorrer da narrativa contraria e se afasta de Frieda e dos obedientes donos da estalagem, e se aproxima da família de Amália, os únicos, além dele a perceberem a dominação do Castelo.

Como a obscena senhora D., o Agrimensor K. infere a maldade divina, por meio da miséria humana. Os cidadãos da aldeia seguem a filosofia de Jô, e para agradar aos seus Deuses confundem o bem com o mal e tratam por justo um Deus que lhes oprime, ao ponto de acreditarem como a estalajadeira que qualquer decisão é a correta desde que seja “a decisão de Klamm”. Os habitantes da aldeia resolvem a questão da teodicéia por meio da mudança valorativa do mal para o bem. Quando são questionados sobre as leis, que os subjagam, os habitantes acreditam que não podem explicar a ilogicidade destas, por que são ignorantes e, somente os que as fizeram, que as podem explicar, instaura-se mais uma vez o “*mysterium iniquitatis*”.

O agrimensor K. quer saber, quer conhecer os seus Senhores, ele entende as incongruências das leis do Castelo, e passa a se utilizar de uma estratégia diferente. Ele tenta encontrar os Senhores, confrontando-nos, por meio do afastamento da moral e dos valores determinados. Por isso ele se junta aos párias, aqueles revoltosos que foram esquecidos e abandonados. Segundo Camus :

A última tentativa do agrimensor K. é encontrar Deus por intermédio daquilo que o nega, reconhecê-lo, não de acordo com nossas categorias de bondade e beleza, mas atrás dos rostos vazios e horríveis de sua indiferença, de sua injustiça e dos eu ódio. Este estrangeiro que pede para ser adotado pelo castelo está um pouco mais exilado ao final da sua viagem por que agora é infiel a si mesmo e abandona a moral. A lógica , e as verdades do espírito para tentar entrar, com a única riqueza de sua esperançainswnsata, no deserto da graça divina. (CAMUS, 2009, p.153)

A atitude do Agrimensor K. é a revolta, ele é um Jô ao contrário, que semelhante a personagem Hillé se recusa a abandonar sua lógica é se submeter a qualquer custo moral as leis do Castelo. Os Senhores do Castelo criam as leis, mas não se submetem a elas, K está consciente disso.

Suas armas para encontrar Deus é destruí-lo com sua indiferença. A obscena senhora D efetiva o mesmo procedimento, no entanto sua arma é o discurso blasfematório.

Muitos críticos têm destacado a possível alegoria ao judaísmo presente nesta obra de Kafka, admitindo a relevância desta hipótese, ela no entanto, não invalida que pensemos-a também como uma possível forma de negação das religiões institucionalizadas. Segundo Günther Anders:

Em Kafka revive, realmente, a ideia marcionista, segundo a qual o Deus - criador é “demiurgo, portanto, “mau” — e a correspondência é tanto mas surpreendente quanto, em Marcion, esse Deus-criador (de forma diversa que o Deus do amor) é ao mesmo tempo, o Deus da “lei”, do velho testamento: também em Kafka coincidem a instancia divina, a lei, e a “maldade. Quando conclui, da miséria da vida humana, a existência de um Deus igualmente “miserável”, Kafka está sozinho no mundo moderno. Os modernos ou simplesmente acolheram a antiga tradição teodicéica – atribuindo ao homem,

portanto todos os males – ou, indignados com a injustiça do mundo, negaram Deus justo e, com isso, Deus.(ANDERS, 1969, p. 92)

Discordamos de Anders, quando ele diz que Kafka está sozinho no mundo moderno, conforme enfatiza a tese de Claudio Willer, *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo, e a poesia moderna*(2007) esta ideia do Deus demiurgo está presente em outros autores, tais como Blake, Nerval, Lautrémont, Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé, Pessoa, Dario Veloso e a na própria obra de Hilda Hilst, por exemplo.

Anders (1969, p. 92) pensando na definição de Deus dada por Kafka em *O Castelo*, contrapõe a visão deste a de Kierkegaard em *Temor e tremor*. Segundo ele, em Kierkegaard ao intentar o sacrifício de Isaac, Abrão se coloca como “cavaleiro da fé”, pois sacrifica o universo do ético, ou como já dissemos, ele se coloca acima do geral. Sua atitude representa uma subjetivação extrema. Enquanto que em *O Castelo*, Klamm e os senhores do castelo, não permitem ao personagem qualquer possibilidade de subjetivar-se, exercendo eles mesmos toda a forma de opressão, pela suspensão da esfera ética.

Deste modo se em *A obscena senhora D.*, temos que a personagem decide-se pelo afastamento de Deus, em *O Castelo* é a própria força divina que ignora o homem. Em ambas as obras há o afastamento da transcendência tradicional do sagrado. Assim o diálogo com o divino, fica restrito ao profano.

Embora, muito se discuta os aspectos do judaísmo na obra de Franz Kafka, o apontamento de Anders permite-nos que possamos correlacionar esta obra a corrente gnóstica. Semelhante característica está presente na obra de Hilda Hilst, conforme já marcamos anteriormente, logo podemos pensar que estamos diante de duas obras marcadas por um discurso de ruptura com a religião tradicional em prol de um discurso gnóstico.

4 CONCLUSÃO

O Deus buscado por Hillé, a personagem de “*A obscena senhora D.* retoma a ideia de divindade postulado pelas religiões ocidentais tradicionais, como o Cristianismo e o Judaísmo. “ um ser superior, justo e bom”, para destituí-la por meio do procedimento racional. A personagem parte do conteúdo dogmático cristão, fazendo referências explícita e implícitas a estes textos religiosos, para posteriormente dessacralizá-los. Ao final o resultado é um Deus amorfo, defeituoso, e humanizado. Para esta personagem, ao contrário dos preceitos canônicos religiosos, Deus não é um modelo que deva ser imitado pelo homem, mas sim um reflexo do próprio homem, numa inversão clara do preceito de que somos feitos a imagem e semelhança de Deus. Entre o procedimento da fé de Kierkegaard e o da experiência humanizadora de Bataille, opta pela segunda opção, sacrificando a superioridade e a bondade divina, mas não seu intelecto.

Hillé *A obscena senhora D* é um sujeito que questiona o mundo, e não abdica do racional, isso faz com que a divindade que ela encontra destoe da figura postulado pela fé cristã, isso a leva a uma difícil escolha ou Deus não existe ou ele é diferente do que inicialmente se pensava.

Como já dissemos os livros canônicos das religiões ocidentais e o próprio senso comum, postula que Deus é um pai amoroso, que está atento ao clamor de seus filhos, no entanto, o confronto racional efetivado pela personagem, por meio de silogismos, mostra que Deus é um ser silencioso, ou quando muito um criança com sua fazenda de formigas.

Hillé a personagem deste livro de Hilst em muito se assemelha ao agrimensor K, da obra *O Castelo* de Kafka, assim como ele, ela quer encontrar Deus a qualquer custo, mas, sua lógica a impede de aceitá-lo tal como aponta o senso comum, na qual está inserida. Hillé e o

Agrimensor K. terminam por confrontar a ideia tradicional de Deus, cada um a sua maneira, mas ambos vertendo-se para uma saída gnóstica.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERS, Günther. *Kafka pró e contra: os autos do processo*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *O Erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.
- BIBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Trad. de Ari Roitman e Paulina Watch. 7. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2009.
- HILST, Hilda. *A Obscena Senhora D*. São Paulo: Globo, 2001.
- KAFKA, Franz. *O castelo*. Trad. Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1971.
- NIETZSCHE, Friedrich. Sobre o PHATOS da verdade. Trad. de Pedro Sussekind. In: _____. *Cinco prefácios para cinco livros não-escritos*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996, p. 25-32.
- KIERKEGAARD, Sören. *Temor e tremor*. Prefácio e tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 2008.
- MORAES, Eliane Robert. Da medida estilhaçada. In: *Cadernos de literatura brasileira: Hilda Hilst*, n. 8. São Paulo: Instituto Moreira Salles, p. 114-126, out.1999.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 2001.
- PURCENO, Sonia. O obsceno objeto de desejo de HH. In: PÉCORA, Alcir. *Por que ler Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2010.
- RIBEIRO, Leo Gilson. Da ficção. In: *Cadernos de literatura brasileira: Hilda Hilst*, n. 8. São Paulo: Instituto Moreira Salles, p. 80-96, out.1999.
- WILLER, Cláudio. *Gnose, gnosticismo, a poesia de Hilda Hilst*. Disponível em: <http://www.hildahilst.com.br/teses_ensaios.php>. Acesso em: 15 jan. 2010.
- WILLER, Cláudio. *Um obscuro encanto: Gnose, gnosticismo, e a poesia moderna*. 2007, 402 f. Tese. (Doutorado em Estudos Comparados de literaturas de Língua Portuguesa. Departamento de Letras. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.